

**Tradução do discurso *Contra Eutino (sem testemunha)* de Isócrates**

Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
ticiano@letras.ufrj.br

**RESUMO:** Dos discursos compostos pelo ateniense Isócrates (436-338 a.C.) que nos chegaram, o *Contra Eutino* é talvez o mais antigo (403 a.C.) e o mais breve (21 seções). Trata-se do fragmento de um discurso judiciário de acusação, em que um certo Nícias requer a devolução de um depósito em dinheiro que fora confiado a seu primo Eutino. É possível, todavia, que o caso tenha sido fictício, e que, por conseguinte, o texto de que dispomos seja um rascunho de um discurso modelar de caráter epidítico, em que Isócrates demonstraria a seus discípulos como compor uma acusação baseada tão somente em argumentos de probabilidade (εἰκός), visto que não havia testemunhas para o caso (um discurso ἀμάρτυρος). Apresento, pois, a tradução do *Contra Eutino* de Isócrates, segundo a edição de Mario Marzi (1991), da coleção italiana *Classici Greci*.

38

**Palavras-chave:** Isócrates; *Contra Eutino*; judiciário; epidítico; εἰκός.

**Translation of the speech *Against Euthynus (without witness)* of Isocrates**

**ABSTRACT:** Of all the speeches composed by the Athenian Isocrates (436-338 B.C.) that reached our days, *Against Euthynus* is perhaps the oldest (403 B.C.) and the shortest one (21 sections). It is a fragment of a forensic speech of accusation in which a certain Nicias requests the return of a deposit in cash that had been entrusted to his cousin Euthynus. It is possible, nevertheless, that the speech might be fictitious and, therefore, that the text we have nowadays is a draft of a model speech of epideictic nature in which Isocrates demonstrates to his pupils how to compose an accusation based solely on appeals to probability (εἰκός), considering that there were no witnesses to the case (a ἀμάρτυρος speech). Thus, I present the translation of Isocrates' *Against Euthynus* according to Mario Marzi's edition (1991) from the Italian collection *Classici Greci*.

**Keywords:** Isocrates; *Against Euthynus*; forensic; epideictic; εἰκός.

## Breve introdução ao discurso e notas sobre a tradução

Durante o governo dos Trinta Tiranos (fins do séc. V a.C.), ameaças, roubos e traições eram práticas comuns na sociedade ateniense. Em meio à instabilidade político-social do período, Nícias, um rico comerciante, passa a ser perseguido por antigos inimigos. Temendo a subtração de seus bens, confia a quantia de três talentos a seu primo Eutino, um sujeito por quem tinha alta estima. Pouco depois, desejando emigrar da pólis, Nícias pede a Eutino a restituição de seu dinheiro. Este, por sua vez, devolve apenas dois dos três talentos outrora a ele confiados. Sem poder recorrer a um tribunal, visto que o conturbado momento político ainda não havia terminado, Nícias só pode lamentar o ocorrido a amigos e parentes próximos. No entanto, após a restauração da democracia, em 403 a.C., ele enfim move um processo contra Eutino, requerendo, é claro, o talento que lhe era devido (§3-4).

Para que sua acusação convença os jurados, há um delicado problema, todavia: tanto no momento do depósito como no de parte da restituição, não havia testemunhas presentes. Como supostamente não era um hábil orador (§1), Nícias pede então a seu amigo Isócrates (436-338 a.C.) para que elabore um discurso de acusação para o caso. O autor então compõe o discurso *Contra Eutino (sem testemunha)*<sup>1</sup>, construindo sua acusação unicamente por meio de argumentos de probabilidade (εἰκός).

Segundo grande parte da crítica<sup>2</sup>, o jovem ateniense ainda atuava à época como escritor contratado de discursos judiciais (i.e., um logógrafo), antes de se dedicar a sua carreira como professor de oratória política a partir de 390 a.C., com a publicação do discurso *Contra os Sofistas* e a abertura de sua escola. De acordo com o *corpus* isocrático, seis discursos foram preservados desse período de atuação do autor como logógrafo, a saber, 16 – *Sobre a Biga de Cavalos*, 17 – *Trapezítico*, 18 – *Contra Calímaco*, 19 – *Eginético*, 20 – *Contra Lóquite* e 21 – *Contra Eutino*.

Todavia, em diversas passagens de seus demais discursos, i.e., daqueles que de fato são do período como educador, Isócrates recusa insistentemente a prática da retórica do gênero judicial, ao mesmo tempo em que rebaixa esse tipo de composição e aqueles que a executam, em razão de sua simplicidade estilística (cf., por exemplo, *Panatenaico* 2 e *Antídose* 46.). Ao contrário da crítica isocrática tradicional, estudiosos mais recentes da obra do autor consideram que

---

<sup>1</sup> πρὸς Εὐθύνοῦν (ἀμάρτυρος), conforme grafam seus manuscritos e edições modernas.

<sup>2</sup> Desde a Antiguidade, a figura de Isócrates que nos é reportada através de alguns testemunhos do período é dividida precisamente nesses dois momentos principais. Cf. Plutarco, *Moralia, Vida dos Dez Oradores*, IV. *Isócrates*, 836e-f; e Dionísio de Halicarnasso, *Sobre os Antigos Oradores*, *Isócrates*, 1.

há certa homogeneidade na produção literária do autor, no tocante a seu caráter cívico-político e epidítico. Ainda que a estrutura formal de composição adotada em cada discurso seja relativamente variegada, há notavelmente uma função político-pedagógica nos discursos de Isócrates<sup>3</sup>. Será, pois, justamente essa função que unificará sua obra, assegurando-lhe uma marcante identidade de seus fins, além de, ao mesmo tempo, nos descrever seu pensamento político e propedêutico. Essa ambivalência permeia cada um de seus discursos, operando como “motor” central da práxis retórica do autor<sup>4</sup>.

Segundo a tradição de seus manuscritos, o discurso *Contra Eutino* é o mais breve (21 seções) e o mais antigo dos que chegaram a nossos dias (403 a.C., logo após a restauração da democracia). Mais antigo, é claro, se considerarmos a prévia carreira do autor como logógrafo, e não o *Contra Eutino* como um discurso epidítico-modelar. Sua brevidade, por sua vez, se deve, ou por ser fragmentário, como Jebb (1876, p. 219-22) e a maior parte da crítica moderna o consideram, ou por se tratar de um rascunho, obra inacabada, seja de Isócrates ou de um de seus discípulos, de um modelo de discurso de acusação baseado tão somente em argumentos de probabilidade (εἰκόσ).

40

Segundo comentadores antigos da obra de Lísias, este teria escrito em resposta uma apologia de Eutino para o caso, texto infelizmente não preservado, o que nos faz pressupor um litígio que de fato ocorrera, visto que Lísias, como sabemos, foi de fato um logógrafo. Por outro lado, Diógenes Laércio também faz menção a uma apologia de Eutino escrita por Antístenes, esta, por sua vez, como um exercício retórico-demonstrativo de fato (JEBB, *ibid.*). De um modo ou de outro, não sabemos se o litígio de fato ocorreu ou se o processo foi em verdade fictício, um possível tema famoso que serviria como pretexto para que mestres de oratória compusessem defesas e acusações como modelo a ser imitado por discípulos.

Para a tradução, utilizei a edição de Mario Marzi (1991), da coleção *Classici Greci* uma das mais recentes e bem estabelecidas da obra de Isócrates, além da célebre edição de Mathieu & Brémond (1929), da coleção *Les Belles Lettres*, como apoio. O conhecido estilo de composição do autor, presente sobretudo em seus discursos políticos, não se verifica da mesma maneira em seus discursos judiciais, entretanto. Ainda que, para opor o *ēthos* de Nícias ao de Eutino, Isócrates naturalmente se valha de antíteses e parisoses (orações simétricas), *tópoi*

<sup>3</sup> No *Panatenaico* 1-2, por exemplo, Isócrates abre seu último discurso enumerando uma série de modelos discursivos que ele preferiu não utilizar ao longo de sua vida em detrimento daquele tipo de discurso que sempre praticou: discursos eloquentemente bem compostos que aconselham Atenas e a Grécia naquilo que lhes é útil. Segundo o próprio autor, encontraremos em sua obra, de maneira geral, (i) conselhos à *pólis* (dimensão política) compostos de maneira eloquentes e carregados de diversas figuras discursivas (dimensão epidítica).

<sup>4</sup> Cf., por exemplo, TOO, 1995, p. 35 e NICOLAI, 2004, p. 53-4.

comuns ao gênero forense e os mais utilizados pelo autor mesmo nos discursos políticos, ainda não encontramos no *Contra Eutino* um uso tão marcado e carregado desse estilo simétrico e antitético, conforme se verifica paulatinamente ao longo de sua obra. Por esses motivos, busquei transpô-lo em língua portuguesa com a linguagem mais clara e menos empolada possível, a fim de buscar o efeito categórico que talvez Isócrates pretendesse, seja para efetivamente defender Nícias e acusar Eutino no tribunal, seja para compor seu exercício epidítico simulado para o ambiente judiciário.

## 1. Texto grego: ΠΡΟΣ ΕΥΘΥΝΟΥΝ (ἀμάρτυρος)

1. Οὐ προφάσεως ἀπορῶ δι' ἣντινα λέγω ὑπὲρ Νικίου τουτουί· καὶ γὰρ φίλος ὢν μοι τυγχάνει καὶ δεόμενος καὶ ἀδικούμενος καὶ ἀδύνατος εἰπεῖν, ὥστε διὰ ταῦτα πάντα ὑπὲρ αὐτοῦ λέγειν ἀναγκάζομαι.

2. Ὅθεν οὖν τὸ συμβόλαιον αὐτῷ πρὸς Εὐθύνου γεγένηται, διηγῆσομαι ὑμῖν ὡς ἂν δύνωμαι διὰ βραχυτάτων.

Νικίας γὰρ οὐτοσί, ἐπειδὴ οἱ τριάκοντα κατέστησαν καὶ αὐτὸν οἱ ἐχθροὶ ἐκ μὲν τῶν μετεχόντων τῆς πολιτείας ἐξήλειπον, εἰς δὲ τὸν μετὰ Λυσάνδρου κατάλογον ἐνέγραφον, δεδιὼς τὰ παρόντα πράγματα τὴν μὲν οἰκίαν ὑπέθηκε, τοὺς δ' οἰκέτας ἔξω τῆς γῆς ἐξέπεμψε, τὰ δ' ἐπιπλα ὡς ἐμὲ ἐκόμισε, τρία δὲ τάλαντα ἀργυρίου Εὐθύνω φυλάττειν ἔδωκεν, αὐτὸς δ' εἰς ἀγρὸν ἐλθὼν διητᾶτο. 3. Οὐ πολλῶ δὲ χρόνῳ ὕστερον βουλόμενος ἐκπλεῖν ἀπήτησε τὰργύριον· Εὐθύνους δὲ τὰ μὲν δύο τάλαντα ἀποδίδωσι, τοῦ δὲ τρίτου ἔξαρκος γίγνεται. Ἄλλο μὲν οὖν οὐδὲν εἶχε Νικίας ἐν τῷ τότε χρόνῳ ποιῆσαι, προσιών δὲ πρὸς τοὺς ἐπιτηδείους ἐνεκάλει καὶ ἐμέμφετο καὶ ἔλεγεν ἃ πεπονθῶς εἶη. Καίτοι οὕτω τοῦτόν τε περὶ πολλοῦ ἐποιεῖτο καὶ τὰ καθεστῶτα ἐφοβεῖτο, ὥστε πολὺ ἂν θᾶττον ὀλίγων στερηθεὶς ἐσιώπησεν ἢ μηδὲν ἀπολέσας ἐνεκάλεσεν.

4. Τὰ μὲν οὖν γεγενημένα ταῦτ' ἐστίν. Ἀπόρως δ' ἡμῖν ἔχει τὸ πρᾶγμα. Νικία γὰρ οὔτε παρακατατιθεμένῳ τὰ χρήματα οὔτε κοιμιζομένῳ οὐδεὶς οὔτ' ἐλεύθερος οὔτε δοῦλος παρεγένετο, ὥστε μήτ' ἐκ βασάνων μήτ' ἐκ μαρτύρων οἷόν τ' εἶναι γινῶναι περὶ αὐτῶν, ἀλλ' ἀνάγκη ἐκ τεκμηρίων καὶ ἡμᾶς διδάσκειν καὶ ὑμᾶς δικάζειν, ὁπότεροι τάληθῆ λέγουσιν.

5. Οἶμαι οὖν ἀπάντας εἰδέναι ὅτι μάλιστα συκοφαντεῖν ἐπιχειροῦσιν οἱ λέγειν μὲν δεινοὶ, ἔχοντες δὲ μηδὲν, τοὺς ἀδυνάτους μὲν εἰπεῖν, ἱκανοὺς δὲ χρήματα τελεῖν. Νικίας τοίνυν Εὐθύνου πλείω μὲν ἔχει, ἥττον δὲ δύναται λέγειν· ὥστε οὐκ ἔστι δι' ὅτι ἂν ἐπήρηθη ἀδίκως ἐπ' Εὐθύνου ἐλθεῖν. 6. Ἀλλὰ μὴν καὶ ἐξ αὐτοῦ ἂν τις τοῦ πράγματος γνοίη, ὅτι πολὺ μᾶλλον εἰκὸς ἦν Εὐθύνου λαβόντα ἔξαρνεῖσθαι ἢ Νικίαν μὴ δόντα αἰτιᾶσθαι. Δῆλον γὰρ ὅτι πάντες κέρδους ἐνεκ' ἀδικοῦσιν. Οἱ μὲν οὖν ἀποστεροῦντες ὦνπερ ἐνεκ' ἀδικοῦσιν ἔχουσιν, οἱ δ' ἐγκαλοῦντες οὐδ' εἰ λήψεσθαι μέλλουσιν ἴσασιν. 7. Πρὸς δὲ τούτοις, ἀκαταστάτως ἐχόντων τῶν ἐν τῇ πόλει καὶ δικῶν οὐκ οὐσῶν τῷ μὲν οὐδὲν ἦν πλέον ἐγκαλοῦντι, τῷ δὲ οὐδὲν ἦν δέος ἀποστεροῦντι. Ὅστε τὸν μὲν οὐδὲν ἦν θαυμαστόν, ὅτε καὶ οἱ μετὰ μαρτύρων δανεισάμενοι ἐξηρνοῦντο, τότε ἃ μόνος παρὰ μόνου ἔλαβεν ἀποστερῆσαι· τὸν δ' οὐκ εἰκὸς, ὅτε οὐδ' οἷς δικαίως ὠφείλετο οἷόν τ' ἦν πράττεσθαι, τότε ἀδίκως ἐγκαλοῦντα οἶεσθαι τι λήψεσθαι.

8. Ἔτι δ' εἰ καὶ μηδὲν αὐτὸν ἐκώλυεν, ἀλλὰ καὶ ἐξῆν καὶ ἐβούλετο συκοφαντεῖν, ὡς οὐκ ἂν ἐπ' Εὐθύνου ἦλθε, ῥάδιον γινῶναι. Οἱ γὰρ τοιαῦτα πράττειν ἐπιθυμοῦντες οὐκ ἀπὸ τῶν φίλων ἄρχονται, ἀλλὰ μετὰ τούτων ἐπὶ τοὺς ἄλλους ἔρχονται, καὶ τούτοις ἐγκαλοῦσιν οὐς ἂν μήτ' αἰσχύνωνται μήτε δεδίωσι, καὶ οὐς ἂν ὀρώσι πλουσίους μὲν, ἐρήμους δὲ καὶ ἀδυνάτους πράττειν. 9. Εὐθύνω τοίνυν τάναντία τούτων ὑπάρχει· ἀνεπιὸς γὰρ ὢν Νικίου τυγχάνει, λέγειν δὲ καὶ πράττειν μᾶλλον δύναται τούτου, ἔτι δὲ χρήματα μὲν ὀλίγα, φίλους δὲ πολλοὺς κέκτηται. Ὡστ' οὐκ ἔστιν ἐφ' ὄντινα ἂν ἦττον ἢ ἐπὶ τοῦτον ἦλθεν· ἐπεὶ ἔμοιγε δοκεῖ, εἰδότε τὴν τούτων οἰκειότητα, οὐδ' ἂν Εὐθύνου Νικίαν ἀδικῆσαι, εἰ ἐξῆν ἄλλον τινὰ τοσαῦτα χρήματα ἀποστερεῖν. 10. Νῦν δ' ἄρχαιότερον ἦν αὐτοῖς τὸ πρᾶγμα· ἐγκαλεῖν μὲν γὰρ ἔξεστιν ἐξ ἀπάντων, ἐκλεξάμενον, ἀποστερεῖν δ' οὐχ οἷόν τ' ἄλλον ἢ τὸν παρακαταθέμενον. Ὡστε Νικίας μὲν συκοφαντεῖν ἐπιθυμῶν οὐκ ἂν ἐπὶ τοῦτον ἦλθεν, Εὐθύνου δ' ἀποστερεῖν ἐπιχειρῶν οὐκ [ἂν] ἄλλον εἶχεν.

11. Ὁ δὲ μέγιστον τεκμήριον καὶ πρὸς ἅπαντα ἰκανόν· ὅτε γὰρ τὸ ἔγκλημα ἐγένετο, ὀλιγαρχία καθειστήκει, ἐν ἣ οὕτως ἐκάτερος αὐτῶν διέκειτο, ὥστε Νικίας μὲν, εἰ καὶ τὸν ἄλλον χρόνον εἴηστο συκοφαντεῖν, τότε ἂν ἐπαύσατο, Εὐθύνου δὲ, καὶ εἰ μηδὲ πώποτε διενόηθη ἀδικεῖν, τότε ἂν ἐπήρθη. 12. Ὁ μὲν γὰρ διὰ τὰ ἀμαρτήματα ἐτιμᾶτο, ὁ δὲ διὰ τὰ χρήματα ἐπεβουλεύετο. Πάντες γὰρ ἐπίστασθε ὅτι ἐν ἐκείνῳ τῷ χρόνῳ δεινότερον ἦν πλουτεῖν ἢ ἀδικεῖν· οἱ μὲν γὰρ τὰ ἀλλότρια ἐλάμβανον, οἱ δὲ τὰ σφέτερ' αὐτῶν ἀπώλλυον. Ἐφ' οἷς γὰρ ἦν ἡ πόλις, οὐ τοὺς ἀμαρτάνοντας ἐτιμωροῦντο, ἀλλὰ τοὺς ἔχοντας ἀφηροῦντο καὶ ἡγοῦντο τοὺς μὲν ἀδικοῦντας πιστοὺς, τοὺς δὲ πλουτοῦντας ἐχθροὺς. 13. Ὡστε μὴ περὶ τοῦτ' εἶναι Νικίαν, ὅπως συκοφαντῶν τὰλλότρια λήψοιτο, ἀλλ' ὅπως <μῆ> μηδὲν ἀδικῶν κακόν τι πείσοιτο. Τῷ μὲν γὰρ ὅσον Εὐθύνου δυναμένῳ ἐξῆν ἅ τ' ἔλαβεν ἀποστερεῖν καὶ οἷς μὴ συνέβαλεν ἐγκαλεῖν· οἱ δ' ὥσπερ Νικίας διακείμενοι ἠναγκάζοντο τοῖς τ' ὀφείλουσι τὰ χρέα ἀφιέναι καὶ τοῖς συκοφαντοῦσι τὰ αὐτῶν διδόναι. 14. Καὶ ταῦθ' ὅτι ἀληθῆ λέγω, αὐτὸς ἂν ὑμῖν Εὐθύνου μαρτυρήσειεν· ἐπίσταται γὰρ ὅτι Τιμόδημος τουτονὶ τριάκοντα μναῖς ἐπράξατο, οὐ χρέος ἐγκαλῶν ἀλλ' ἀπάξειν ἀπειλῶν. Καίτοι πῶς εἰκὸς Νικίαν εἰς τοῦτ' ἀνοίας ἐλθεῖν, ὥστ' αὐτὸν περὶ τοῦ σώματος κινδυνεύοντα ἐτέρους συκοφαντεῖν, 15. καὶ μὴ δυνάμενον τὰ αὐτοῦ σώζειν τοῖς ἀλλοτρίοις ἐπιβουλεύειν, καὶ πρὸς τοῖς ὑπάρχουσιν ἐχθροῖς ἐτέρους διαφόρους ποιεῖσθαι, καὶ τούτοις ἀδικῶς ἐγκαλεῖν παρ' ὧν οὐδ' ὁμολογούντων ἀποστερεῖν οἷός τ' ἂν ἦν δίκην λαβεῖν, καὶ τότε πλέον ἔχειν ζητεῖν ὅτε οὐδὲ ἴσον ἐξῆν αὐτῷ, καὶ ὅτε ἅ οὐκ ἔλαβεν ἀποτίνειν ἠναγκάζετο, τότε καὶ ἅ μὴ συνέβαλεν ἐλπίζειν πράξασθαι;

16. Περὶ μὲν οὖν τούτων ἰκανὰ τὰ εἰρημένα. Ἴσως δ' Εὐθύνου ἐρεῖ, ἃ καὶ πρότερον ἦδη, ὅτι οὐκ ἂν ποτ' ἀδικεῖν ἐπιχειρῶν τὰ μὲν δύο μέρη τῆς παρακαταθήκης ἀπέδωκε, τὸ δὲ τρίτον μέρος ἀπεστέρησεν, ἀλλ' εἴτε ἀδικεῖν ἐπεθύμει εἴτε δίκαιος ἐβουλεύετο εἶναι, περὶ ἀπάντων ἂν τὴν αὐτὴν γνώμην ἔσχευ. 17. Ἐγὼ δ' ἡγοῦμαι πάντας ὑμᾶς εἰδέναι ὅτι πάντες ἄνθρωποι, ὅταν περ ἀδικεῖν ἐπιχειρῶσιν, ἅμα καὶ τὴν ἀπολογία σκοποῦνται· ὥστ' οὐκ ἄξιον θαυμάζειν εἰ τούτων ἕνεκα τῶν λόγων οὕτως Εὐθύνου ἠδίκησεν. Ἔτι δ' ἔχοιμ' ἂν ἐπιδείξαι καὶ ἐτέρους οἱ χρήματα λαβόντες τὰ μὲν πλεῖστ' ἀπέδοσαν, ὀλίγα δ' ἀπεστέρησαν, καὶ ἐν μικροῖς μὲν συμβολαίοις ἀδικήσαντας, ἐν μεγάλοις δὲ δικαίους γενομένους· ὥστ' οὐ μόνος οὐδὲ πρῶτος Εὐθύνου τοιαῦτα πεποίηκεν. 18. Ἐνθυμεῖσθαι δὲ χρῆ, εἰ ἀποδέξεσθε τῶν τὰ τοιαῦτα λεγόντων, ὅτι νόμον θήσετε πῶς χρῆ ἀδικεῖν· ὥστε τοῦ λοιποῦ χρόνου τὰ μὲν ἀποδώσουσι, τὰ δ' ὑπολείψονται. Λυσιτελήσει γὰρ

αὐτοῖς, εἰ μέλλουσιν, οἷς ἂν ἀποδῶσι τεκμήριοις χρώμενοι, ὧν ἂν ἀποστερῶσι μὴ δώσειν δίκην.

19. Σκέψασθε δὲ καί, ὡς ὑπὲρ Νικίου ῥάδιον εἰπεῖν ὅμοια τῇ Εὐθύνου ἀπολογία. Ὅτε γὰρ ἀπελάμβανε τὰ δύο τάλαντα, οὐδεὶς αὐτῷ παρεγένετο· ὥστ' εἴπερ καὶ ἐβούλετο καὶ ἐδόκει αὐτῷ συκοφαντεῖν, δῆλον ὅτι οὐδ' ἂν ταῦτα ὠμολόγει κεκομίσθαι, ἀλλὰ περὶ ἀπάντων ἂν τοὺς αὐτοὺς λόγους ἐποιεῖτο, καὶ περὶ πλειόνων τε χρημάτων Εὐθύνους ἂν ἐκινδύνευεν, καὶ ἅμα οὐκ ἂν εἶχεν οἷσπερ νυνὶ τεκμηρίοις χρῆσθαι.

20. Καὶ μὲν δὴ καὶ Νικίαν μὲν οὐδ' ἂν εἰς δύναιτο ἀποδείξει δι' ἥντινά ποτε αἰτίαν <οὕτως> ἐνεκάλεσεν, Εὐθύνουν δὲ ῥάδιον γνῶναι ὧν ἕνεκα τοῦτον τὸν τρόπον ἠδίκησεν. Ὅτε γὰρ Νικίας ἦν ἐν ταῖς συμφοραῖς, πάντες οἱ συγγενεῖς καὶ οἱ ἐπιτήδαιοι ἀκηρότερες ἦσαν ὅτι τὸ ἀργύριον, ὃ ἦν αὐτῷ, τούτῳ παρακατέθετο. 21. Ἐγίγνωσκεν οὖν Εὐθύνους ὅτι μὲν ἔκειτο τὰ χρήματα παρ' αὐτῷ, πολλοὺς ἠσθημένους, ὅποσα δὲ οὐδένα πεπυσμένον· ὥστ' ἠγεῖτο ἀπὸ μὲν τοῦ ἀριθμοῦ ἀφαιρῶν οὐ γνωσθήσεσθαι, πάντα δ' ἀποστερῶν καταφανῆς γενήσεσθαι. Ἐβούλετο οὖν ἱκανὰ λαβῶν ἀπολογία ὑπολείπεσθαι μᾶλλον ἢ μηδὲν ἀποδοῦς μὴδ' ἀρνηθῆναι δύνασθαι.

## 2. Tradução: *Contra Eutino (sem testemunhas)*

1. Não me faltam motivos para discursar em defesa de Nícias, aqui presente. Ocorre que ele é meu amigo, está implorando por meu auxílio e é vítima de uma injustiça, além de não ser hábil orador. Desse modo, por todas essas razões, sinto-me compelido a falar em seu favor.

2. Como então se deu o trato financeiro entre ele e Eutino, relatar-vos-ei o mais brevemente possível.

Durante o regime dos Trinta Tiranos, os inimigos de Nícias retiraram seus direitos políticos, ao mesmo tempo em que o incluíram na lista de Lisandro<sup>5</sup>. Temendo as circunstâncias do período, ele hipotecou sua casa, enviou seus escravos para outra região, trouxe seu mobiliário para minha casa, confiou três talentos<sup>6</sup> de prata a Eutino para que este o guardasse, e decidiu ir para o campo.

3. Não muito tempo depois, desejando tomar um navio, requisitou a devolução de seu dinheiro. Eutino lhe restitui dois talentos, porém nega o terceiro. Incapacitado de agir naquela época, Nícias só pode buscar a companhia dos seus; acusava-o, queixava-se e contava o que havia sofrido. Ainda assim, tinha por ele tão alta estima e temia de tal modo o momento político, que preferiu manter-se

---

<sup>5</sup> General espartano que liderou a vitória definitiva contra os atenienses, pondo fim à Guerra do Peloponeso (405-4 a.C.). Essa lista era composta pelos nomes dos cidadãos que justamente perderam seus direitos políticos quando os Trinta Tiranos assumiram o poder da cidade com o apoio de Lisandro. Cf. XENOFONTE, *Helênicas* II, 3, 17-19.

<sup>6</sup> Unidade monetária.

em silêncio, ainda que privado de uma pequena parte de seu dinheiro, a mover um processo sem ter nada perdido<sup>7</sup>.

4. Os fatos, portanto, são esses. Para nós o caso é complicado, no entanto: seja no momento do depósito, seja no da restituição, ninguém esteve presente com Nícias, fosse homem livre ou escravo, de maneira que nem mediante tortura nem mediante testemunhas<sup>8</sup> é possível tomar conhecimento do ocorrido; mediante indícios, todavia, é forçoso que nós vos instruamos e que vós julgueis qual dos dois lados está dizendo a verdade.

5. Creio que todos sabem que os hábeis oradores, quando são pobres, intentam falsamente acusar, sobretudo, aqueles que não possuem habilidade discursiva, capazes todavia de despender dinheiro. Nícias é mais abastado que Eutino, porém um fraco orador. Assim, não há razão pela qual ele o processaria injustamente. 6. Ora, desse mesmo fato, alguém poderia inferir que seria muito mais verossímil<sup>9</sup> que Eutino negasse o depósito, não obstante tenha recebido o dinheiro, do que Nícias o acusasse sem que tivesse depositado a quantia. Pois é evidente que todos os que cometem injustiça visam ao lucro; rouba quem mantém consigo o resultado do ato injusto, enquanto quem move um processo não sabe nem mesmo se logrará sucesso no caso. 7. Além disso, quando a cidade vivia um clima político instável e os julgamentos estavam suspensos<sup>10</sup>, a um não havia vantagem alguma em mover um processo, enquanto ao outro, medo algum em roubar. Consequentemente, se naquele tempo quem tomava dinheiro emprestado, mesmo na presença de testemunhas, negava depois o fato, não seria surpresa alguma que Eutino tenha roubado o depósito que recebera num momento em que ambos estavam a sós; ao mesmo tempo, se naquele período até mesmo quem tinha por direito algo a receber estava impossibilitado de recebê-lo, é inverossímil que Nícias tenha pensado que recuperaria algo, movendo então um processo injustamente.

8. Todavia, mesmo que nada o impedisse, mas lhe fosse possível e ele quisesse acusá-lo falsamente, é fácil inferir que Nícias não moveria um processo contra Eutino. Ora, aqueles que desejam empreender ações desse gênero não começam pelos amigos, porém aliam-se a eles contra os demais, acusam quem eles não respeitam nem temem, além daqueles que são abastados mas estão

<sup>7</sup> Tal como outros cidadãos supostamente faziam nessa época. Em virtude da instabilidade político-social decorrida do regime oligárquico dos Trinta Tiranos, era muito comum que alguns cidadãos movessem processos valendo-se de falsas acusações. Cf. HERMIDA, 1979, p. 66.

<sup>8</sup> Para o uso de tortura contra escravos no tribunal, cf. Isócrates, *Trapezítico* 12.

<sup>9</sup> εἰκός, o argumento de probabilidade, segundo o qual o Isócrates baseia seu discurso ἀμάρτυρος (“sem testemunhas”), repetido no final do próximo parágrafo. Nesse caso, o argumento se mostra válido, pois Eutino parece não ter negado o depósito no discurso que antecede essa réplica de acusação.

<sup>10</sup> No período de governo dos Trinta Tiranos, os julgamentos eram feitos pelo Conselho (βουλή). Cf. HERMIDA, 1979, p. 67.

sozinhos e incapazes de agir. **9.** Bem, no caso de Eutino, sucede o contrário: ele é primo de Nícias, mais capaz de falar e agir do que este, além de possuir pouco dinheiro mas muitos amigos. Desse modo, ele é o último a quem Nícias atacaria. Ademais, por conhecer a relação entre ambos, parece-me que Eutino jamais cometeria uma injustiça contra Nícias, desde que fosse possível roubar a mesma quantia de outra pessoa. **10.** O presente caso, entretanto, era mais simples<sup>11</sup> para eles: é possível fazermos uma acusação contra qualquer cidadão que escolhermos, mas só é possível roubar de quem nos confiou um depósito. Assim, se Nícias desejasse acusar falsamente, não atacaria Eutino, ao passo que este, quando se pôs a roubar, não encontrou outra vítima disponível.

**11.** No entanto, a evidência maior e suficiente para todo o caso é a seguinte: a querela começou quando o regime oligárquico<sup>12</sup> se estabeleceu e em relação a qual cada um deles assim se encontrava: Nícias, mesmo se em outros tempos tivesse sido alguém habituado a acusar falsamente, cessaria então de fazê-lo, enquanto Eutino, ao contrário, mesmo que jamais tivesse pensado em cometer uma injustiça, sentir-se-ia motivado naquele período. **12.** Pois um era reverenciado por seus crimes, ao passo que o outro era objeto de intriga por seu dinheiro. Ora, todos vós sabeis que, naquele tempo, era mais perigoso ser rico do que ser delinquente: estes tomavam os bens alheios, enquanto aqueles perdiam suas posses. A cidade era governada por gente que não punia os criminosos e ao mesmo tempo subtraía dos que tinham algo; os delinquentes eram considerados pessoas dignas de fé; os ricos, ao contrário, inimigos<sup>13</sup>. **13.** Desse modo, Nícias não estava interessado em tomar os bens alheios, mediante falsas acusações, mas em não sofrer dano algum, mesmo sendo inocente. De fato, para alguém que possui tanto poder quanto Eutino, era possível não apenas se apropriar dos bens que recebera como depósito, mas também acusar quem nada lhe havia emprestado. Quem em contrapartida se encontrava numa situação como a de Nícias, era obrigado a desistir de seus créditos perante seus devedores e a dar o próprio dinheiro aos falsos acusadores. **14.** E que eu digo a verdade, o próprio Eutino poderia dar-vos testemunho: pois ele sabe que Timódemo extorquiu de Nícias trinta *minas*<sup>14</sup>, não porque o acusasse em razão de um débito, mas porque o ameaçava de levá-lo a julgamento. Portanto, como considerar verossímil<sup>15</sup> que Nícias tenha sido assim tão tolo para acusar falsamente os outros, num momento

<sup>11</sup> Há uma possível corrupção do texto neste passo. A edição de LaRue Van Hook (*The Loeb Classical Library*, 1945, p. 356) nos aponta a omissão de  $\eta\nu$  em quase todos os manuscritos. O termo ἀρχαιότερον pode apresentar a variante ἀναγκαιότερον (“mais inevitável”) em alguns deles.

<sup>12</sup> I.e., dos Trinta Tiranos.

<sup>13</sup> Cf. Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 35, 4; Xenofonte, *Helênicas* II, 3, 14 e 21; e Lísias, *Contra Eratóstenes* 5.

<sup>14</sup> Unidade monetária.

<sup>15</sup> Cf. nota 9.

em que sua própria vida corria perigo<sup>16</sup>? **15.** Para conspirar contra os bens alheios quando não era capaz de proteger nem mesmo os seus próprios? Para criar novos adversários além dos inimigos que já possuía? Para acusar aqueles a quem seria impossível punir, ainda que admitissem tê-lo roubado<sup>17</sup>? Para tentar estar acima dos demais quando não lhe era possível nem mesmo estar à mesma altura deles? Enfim, para esperar obter um dinheiro que jamais havia emprestado, justamente num momento em que se via forçado a pagar um valor que não havia recebido?

**16.** Sobre esse assunto, o que está dito já é suficiente. Talvez Eutino dirá aquilo que já antes dissera: se ele intentasse uma injustiça, não teria devolvido dois terços do depósito, roubando assim o terço restante, mas, fosse por desejar agir injustamente, fosse por querer ser justo, teria tido ele a mesma intenção por todo o montante. **17.** Eu, ao contrário, acredito que todos vós sabeis que todos os homens, quando intentam uma injustiça, planejam ao mesmo tempo um discurso de defesa. Nesse sentido, não é de se admirar que Eutino tenha assim agido injustamente, graças a tais argumentos. Ademais, eu poderia citar inclusive outros que, apropriando-se de uma quantia, devolveram a maior parte, mas roubaram a menor restante. Agiram injustamente em pequenas transações, porém se tornaram homens justos nas grandes. Desse modo, Eutino não é o primeiro nem o único a ter feito coisas desse gênero. **18.** Deveis considerar que, se derdes crédito a quem profere argumentos desse tipo, estabelecereis uma lei de como agir injustamente; desse modo, a partir de então, os homens devolverão uma parte do depósito, mas permanecerão com o restante. A eles, pois, será vantajoso que valha como prova a parte que devolverem, caso pretendam não ser punidos em razão da parte que roubarem.

**19.** Observai também que é fácil falar em favor de Nícias por meio de argumentos similares aos do discurso de defesa de Eutino: ora, quando recuperou os dois talentos, não havia ninguém presente com ele; assim, se quisesse e lhe parecesse conveniente acusar falsamente, é evidente que não admitiria ter recebido os dois talentos, mas usaria os mesmos argumentos por todo o montante; ao mesmo tempo, Eutino correria o risco de despender um valor ainda mais alto e não teria agora como usar os dois talentos como prova.

**20.** Além de tudo, ninguém pode indicar por que motivo, então, Nícias moveu o processo, porém é fácil reconhecer por quais razões Eutino agiu assim injustamente. Pois, quando Nícias estava em má situação, todos os parentes e amigos estavam cientes de que seu dinheiro fora confiado a Eutino. **21.** Este sabia, portanto, que muitos tiveram notícia de que o depósito estava em sua posse, mas que ninguém tomou conhecimento do valor exato. Considerava, assim, que não seria descoberto se subtraísse uma parte de montante, mas que seria óbvio o

---

<sup>16</sup> Cf. Isócrates, *Trapezítico* 46.

<sup>17</sup> Cf. Isócrates, *Trapezítico* 48.

roubo de toda a quantia. Em posse do que lhe era suficiente, preferiu então garantir para si uma defesa, em vez de, sem nada devolver, não poder negar o depósito<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> O discurso termina de maneira abrupta, sem um epílogo tipicamente forense, como se o autor ainda estivesse desenvolvendo seu argumento. Tal como os demais discursos judiciais do autor, é possível que o *Contra Eutino* seja um discurso demonstrativo e modelar, dentro do ambiente epidítico da escola isocrática. Nesse sentido, a ficção judicial se executa como exercício retórico que explora precisamente os argumentos de probabilidade (εἰκός), e seu fim abrupto pode indicar o discurso como uma espécie de rascunho ou fragmento desse exercício discursivo. Cf. JEBB, 1876, p. 219-22.

## REFERÊNCIAS

ARISTOTLE. **Athenian Constitution. Eudemean Ethics. Virtues and Vices.** (Loeb Classical Library, n. 244). Translated by H. Rackham. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1935.

FOWLER, Harold North. **Plutarch: Moralia, Volume X.** (Loeb Classical Library, n. 321). Harvard: Harvard University Press, 1936.

HERMIDA, Juan Manuel. **Isócrates, Discursos.** Madrid: Editorial Biblioteca Gredos, 1979.

JEBB, Sir Richard Claverhouse. **Selections from the Attic Orators from Antiphon to Isaeus.** London: Macmillan and CO., Limited, 1876.

LYSIAS. **Lysias.** Translated by W. R. M. Lamb. (Loeb Classical Library, n. 244). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1930.

MARZI, Mario. **Opere di Isocrate, vol. I e II, Classici Greci.** Torino: Unione Tipografico, 1991.

48

MATHIEU, Georges & BRÉMOND, A., **Isocrate: Discours.** Paris: Les Belles Lettres, vol. I, 1929.

NICOLAI, Roberto. **Studi su Isocrate: La comunicazione letteraria nel IV sec. a.C. e i nuovi generi della prosa.** Roma: Edizione Quazar, 2004.

TOO, Yun Lee. **The Rhetoric of Identity in Isocrates.** Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Commentary On Isocrates' Antidosis.** Oxford: Oxford University Press, 2008.

USHER, Stephen. **Dionysius of Halicarnassus: Critical Essays, Volume I.** (Loeb Classical Library, n. 466). Harvard: Harvard University Press, 1974.

VAN HOOK, LaRue. **Isocrates, vol. III.** (Loeb Classical Library, n. 373). Harvard: Harvard University Press, 1945.

Tradução do discurso *Contra Eutino (sem testemunha)* de Isócrates

XENOPHON. **Hellenica, Volume I:** Books 1-4. Translated by Carleton L. Brownson. (Loeb Classical Library, n. 88). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1918.

Data de envio: 16/09/2019

Data de aprovação: 07/04/2020

Data de publicação: 02/07/2020